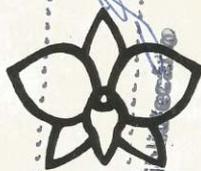


ORQUIDÁRIO

*Revista*

Livro Tolúbo n.º R. O. 2

Obra n.º



BIBLIOTECA

# ORQUIDÁRIO

Revista Oficial  
da

Orquidário

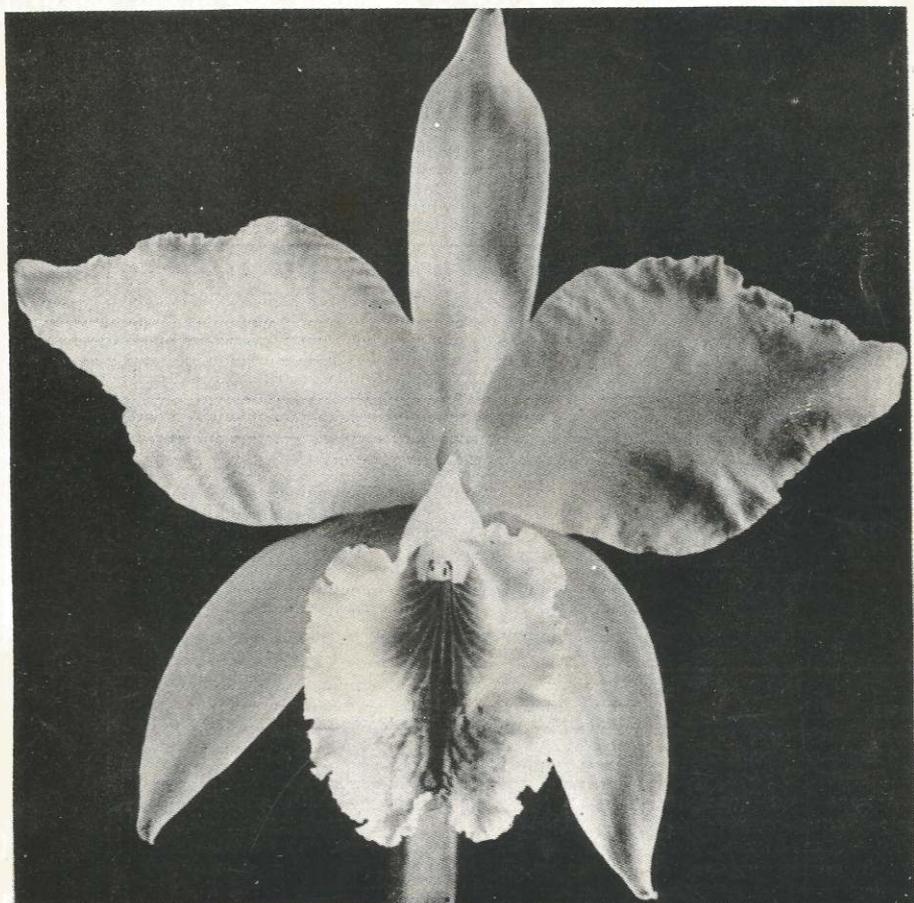
---

VOL. 1

Abr/Jun 1987

N.2

---



202

# OrquidaRIO

## DIRETORIA

Presidente ..... Edward G. E. Kilpatrick  
Vice-Presidente ..... Álvaro A. A. Pessoa dos Santos  
Secretário ..... Alexis Sauer  
Tesoureiro ..... Hans J. O. Frank  
Diretor Técnico ..... Francisco E. L. F. de Miranda  
Diretor Social ..... Maria Cristina de C. Miranda  
Diretor de Exposições .... Roberto Agnes

Editor ..... Francisco E. L. F. de Miranda  
Comissão Editorial ..... Osmar Júdice  
Roberto Agnes  
Carlos Eduardo B. Pereira

## NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

### Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	6 OTN
Meia página	3 OTN
Quarto de página	1,5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor  
OrquidaRIO  
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo  
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

## INDICE

29/04/92 J

Bibliotecário

## CONTEÚDO

• Por que Julgar - 2	Roberto Agnes	26
Algo de Orquidologia para Orquidófilos	F. C. Hoehne	29
• Taxonomia Vegetal - Considerações para Orquidófilos	Maria Cristina Miranda	32
• Laelias Brasileiras - Noções, Espécies e Cultivo - 2	Francisco Miranda	34
• Orquídeas da África - 2 - <i>Ansellia</i>	Roberto Agnes	42

## NOTAS

Capa	23
Conteúdo do Próximo Número	24

## COLUNAS

Editorial	25
Sem Censura	24

## CAPA

Entre as espécies brasileiras que florescem no segundo trimestre do ano, sem dúvida *Cattleya labiata* Lindl., cuja floração vai de fevereiro a abril, é a mais digna de nota. Além do seu valor ornamental, realçado por um sem número de formas de colorido, a espécie tem valor científico expressivo por ser o "tipo" de *Cattleya*, o que significa dizer que com ela Lindley criou o gênero *Cattleya*, no início do século passado. Esta espécie, originária do Nordeste do Brasil, foi, sem dúvida, uma das maiores responsáveis pelo surgimento da orquidofilia na Europa, de onde se espalhou pelo mundo. Um exemplo da qualidade da espécie podemos atestar com *Cattleya labiata* 'D. Norma'.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

No próximo número, a parte 3 de Laelias brasileiras trata da secção Hadro-laelia, que inclui as afins da conhecida *Laelia pumila*. Hans Frank faz comentários muito a propósito sobre a figura controvertida do mateiro, e suas reais influências na orquidofilia. Roberto Agnes continua sua série sobre orquídeas africanas e fala ainda algo sobre *Cattleyas* miniatura. Para finalizar, um comentário é feito sobre a ação do fogo como devastador de habitats de orquídeas, para que se tenha uma idéia, sem excesso de alarmismo, do alarmante estado das coisas em nosso país.

SEM CENSURA

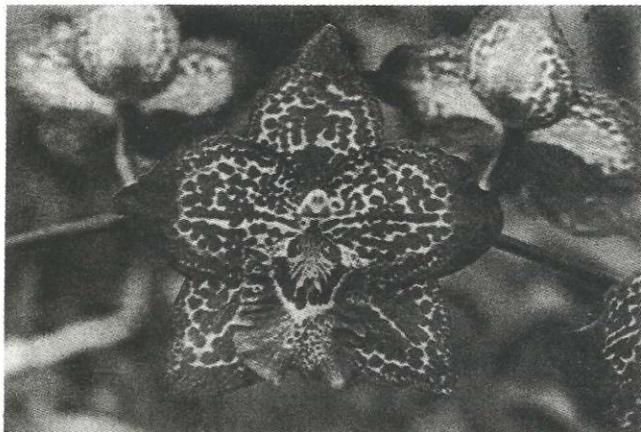
Após um ano de vida, a Orquidário conseguiu se firmar na Orquidofilia nacional, comprovando a viabilidade de uma segunda associação de orquidófilos na cidade do Rio de Janeiro.

Uma alternativa para aqueles que queriam procurar um aprimoramento no estudo das orquídeas quanto a utilização de critérios e padrões internacionais para julgamento de flores, e também quanto a necessidade de um ambiente harmonioso e democrático para se conviver.

Temos conseguido alcançar nossos objetivos e estamos abertos para um intercâmbio com outras entidades nacionais para repartir os avanços obtidos na orquidofilia.

A revista Orquidário foi muito bem recebida no meio orquidófilo, divulgando o progresso e desenvolvimento da sociedade.

Queremos agradecer a todos aqueles que ajudaram a tornar possível a Orquidário e pedimos que continuem fazendo este excelente trabalho em prol da orquidofilia carioca e nacional. E.KILPATRICK.



Vuystekeara Yokara 'Perfection', PC/AOS

# EDITORIAL

O segundo trimestre de 1987 marca um ano em que, no mesmo período do ano passado, começou a se concretizar o sonho de se formar no Rio de Janeiro uma entidade a nível estadual que conseguisse reunir a "nata" da orquidofilia local, pois quase tudo estava por ser feito, os cultivadores estavam se isolando num mar de discórdia e desinteresse, e novos "amantes das orquídeas" estavam cada vez mais raros. Neste período de um ano, apesar de todas as dificuldades para se criar uma nova Associação, a OrquidaRio já conseguiu se firmar no Universo Orquidófilo Nacional. Algumas modificações nas áreas de atuação da Diretoria, novas funções criadas com a adesão progressiva de força de trabalho, em fim tudo isso exemplifica um processo ativo, onde tudo contribui para o funcionamento cada vez mais "afinado" de uma Associação em estabelecimento.

Mas, palavras são apenas palavras, e os fatos falam por si, de forma que um resumo das atividades realizadas neste período de um ano dá bem uma idéia do que é possível ser feito por um grupo de pessoas com ideal comum, que é difundir o amor pela natureza entre todos, pois todos merecem ter o direito de admirar a beleza.

**EXPOSIÇÕES:** As exposições são sem dúvida a maneira de colocar as orquídeas em contato com as pessoas, de formas que, sem vulgarizar as plantas com numerosas exposições medíocres, a OrquidaRio optou por poucas exposições de alto nível, de forma a atrair o real interesse das pessoas. Desde a exposição no Rio Design Center em setembro do ano passado, cujo sucesso ensejou sua repetição este ano, duas exposições foram realizadas em Teresópolis, a primeira em março deste ano e a segunda em julho, ambas com muito sucesso.

**CURSO DE JULGAMENTO:** Uma das mais importantes realizações da OrquidaRio foi a de dar início a um Curso de Julgamento. Para que este pudesse funcionar, foi necessário que houvesse uma substancial mudança de atitude de grande parte de nós, e para tanto os esforços de nosso Diretor de Exposições, experiente em julgamentos internacionais, foi decisivo para a implantação do Curso. As aulas incluem palestras fartamente ilustradas com slides das mais recentes premiações da American Orchid Society e South African Orchid Council, e esperamos que em alguns anos possamos ter juízes de alto gabarito formados no Brasil. Sempre que possível, juízes internacionais em passagem pelo Brasil enriquecem ainda mais as aulas com sua experiência, e, aproveitando para tomar contato com espécies brasileiras, ajudam a difundir nossos melhores clones no exterior.

**REVISTA:** A Revista Orquidário passou do sonho à realidade. Neste segundo número iniciamos o segundo objetivo da revista, que é buscar a sua regularidade, a ser atingida ainda no final deste ano. A repercussão do primeiro número foi muito boa pela comunidade orquidófila nacional, e a OrquidaRio agradece a compreensão com falhas decorrentes da inexperiência do Editor e do escasso tempo para analisar quaisquer aspectos editoriais da Revista, o que de resto só será possível melhorar com sugestões dos leitores. É bom lembrar que a Revista Orquidário busca tratar aspectos da orquidofilia de forma sempre que possível inédita, porém sempre valorizando o que foi feito no passado, e que a Revista objetiva ser um patrimônio da orquidofilia nacional, não apenas da OrquidaRio.

FRANCISCO MIRANDA

# Por Que Julgar - 2

ROBERTO AGNES<sup>1</sup>

## PRÊMIOS - O QUE SIGNIFICAM?

Uma pergunta normalmente feita por cultivadores é "o que significam estes AM/AOS ou FCC/RHS após o nome da planta?" Para um juiz ou cultivador experimentado, isto representa valiosa informação com relação à planta, pois dá uma indicação da qualidade, raridade, ou qualquer outro fator desejável. No primeiro artigo, espero ter respondido porque julgar e agora, será discutido por que uma premiação é dada.

Primeiramente, uma premiação é dividida em duas partes, i.e. AM/AOS. Neste exemplo, a primeira parte ou AM representa o tipo de premiação dada, e a segunda parte, neste caso AOS, representa a Sociedade ou entidade que emitiu a premiação, neste exemplo sendo a American Orchid Society. Ocasionalmente, um número é colocado junto com a premiação, i.e. 87% indica o número de pontos que a planta recebeu, em um total hipotético de 100.

O primeiro tipo de premiação a ser discutido é o de qualidade (quality awards), onde se está determinando a qualidade da(s) flor(es) a ser(em) julgada(s). Para recapitular, uma premiação é dada para a flor por comparação com um padrão de perfeição hipotética, juntamente com a experiência empírica do juiz ou juizes em comparação com premiações dadas previamente para flores semelhantes. Estes prêmios são os seguintes:

HCC - Highly Commendable Certificate	75 - 79.9%
AM - Award of Merit	80 - 89.9%
FCC - First Class Certificate	90 - 100%

Algumas entidades têm como equivalentes:

Bronze Medal (BM) = HCC
Silver Medal (SM) = AM
Gold Medal (GM) = FCC

Desta forma, uma *Cattleya* hipoteticamente perfeita ou qualquer outra orquídea nestas condições obviamente atingiria 100%, de modo que qualquer planta sendo julgada receberá sua pontuação com esta perfeição em mente. Um juiz usa uma cartela de premiação que é dividida em três categorias i.e. forma da flor, cor da flor, e outras características, que incluem tamanho, substância, textura, número de flores e disposição destas (notar que a percentagem de pontos em cada uma destas categorias varia entre os diferentes grupos de orquídeas).

Algumas das categorias são julgadas pela observação de premiações anteriores para ver se a flor sendo julgada é uma melhora em relação às premiadas anteriormente. Isto é feito consultando-se revistas como por exemplo a *Awards Quarterly*, que lista todos os prêmios dados nos Estados Unidos juntamente com dados importantes. Tais revistas são obviamente importantes pois seria impossível para um juiz lembrar de cabeça quais premiações foram dadas 2, 10 ou mesmo 20 anos atrás. Após observar todos os dados, uma comparação é feita e certos pontos dados. É importante lembrar que os dados são apenas um guia e o resto depende da experiência do juiz. Itens como substância, textura e coloração não são quantificáveis em termos numéricos e é aqui que o juiz deve usar sua experiência e relembrar flores similares que ele tenha visto e tocado. Em uma descrição numa premiação prévia pode constar a substância como coriácea (leathery), mas uma substância coriácea para uma *Cattleya* branca seria considerada deficiente para um híbrido de *Cattleya guttata*, por exemplo. Basicamente, toda a informação que o juiz acumulou em anos de estudo e prática são colocadas no julgamento.

<sup>1</sup>Travessa Pepe, 98/201, Botafogo 22290, Rio de Janeiro.

Após todas as categorias da cartela de julgamento terem sido julgadas, o total é somado e se este total for maior ou igual a 75 pontos, a planta ganha uma premiação. Estes 3 tipos de premiações (HCC, AM, FCC) são, provavelmente, os mais cobigados de todos no mundo das orquídeas já que representam a recompensa para muitos pacientes anos gastos em hibridações ou seleção de cultivares nativos com o objetivo de obter novas e melhores orquídeas.

Algumas vezes uma planta é apresentada para premiação e os juízes acham que ela não está pronta para ser premiada por qualidade mas que gostariam de reconhecê-la por causa de alguma característica interessante. Nestes casos, as seguintes premiações podem ser dadas:

1 - PC - Preliminary Commendation

Esta premiação é dada para uma planta (muitas vezes um 'seedling' florindo pela primeira vez) que apresenta todos os atributos justificando sua premiação mas que tem falta de alguma característica que justificaria uma premiação de qualidade, por exemplo, muito poucas flores em uma haste. Por exemplo, *Vuykstekeara Yokara* 'Perfection' foi premiada com um PC/RHS em uma primeira apresentação e recebeu um AM posteriormente em uma melhor floração.

2 - JC - Judges Commendation

Dado a flores que na opinião dos juízes têm alguma característica notável pela qual não é possível dar pontuação, por exemplo, ver *Cyrtellia Orglades Dreamer* no artigo "Orquídeas da África - 2", neste mesmo número.

3 - AD - Award of Distinction

Dado uma vez apenas a um cruzamento exibido como um ou vários clones que representa uma nova direção em hibridação, e.g., *Cymbidium Siempre* 'Summer Freckles' um *Cymbidium* miniatura pelórico.

Nestes 3 casos uma cartela de julgamento não é usada e desta forma a premiação não tem pontuação, porém deve ser dada unanimemente.

Ainda falta um tipo de premiação de qualidade que difere de todos os anteriores descritos pelo fato de que reconhece um novo híbrido como um todo e não plantas individuais.

AQ - Award of Quality

Dado apenas uma vez para um cruzamento, o exibidor deve apresentar não menos de 12 clones diferentes de um híbrido que tenha ou não sido feito anteriormente; caso tenha sido feito anteriormente, deve mostrar uma melhora significativa sobre a anterior, para garantir a premiação. Esta premiação denota a qualidade do híbrido. Uma vez mais, não há pontuação e a decisão deve ser unânime.

As premiações discutidas até agora são relacionadas à qualidade, porém, existem outras que reconhecem os esforços feitos na introdução de novas ou interessantes espécies, e ainda outras que reconhecem a habilidade cultural do cultivador. São as seguintes:

CBR - Certificate of Botanical Rarity

É usado para reconhecer a aparente raridade de uma espécie ou híbrido natural que foi estabelecido com sucesso em cultivo. Também reconhece espécies raras e botanicamente importantes com um mínimo de ênfase a características florais tais como cor e forma.

CHI - Certificate of Horticultural Introduction

É usado para reconhecer o estabelecimento com sucesso de espécies e híbridos naturais ou artificiais que representam um novo conceito desejável horticulturalmente. Este tipo de premiação deve estimular seu uso em hibridação pelo reconhecimento de seu potencial para novas linhas.

CCA - Certificate of Cultural Ability

Esta premiação avalia a habilidade do cultivador e não as características floriculturais da orquídea. Esta premiação é dada ao cultivador em reconhecimento à sua habilidade cultural e resultados em cultivar e florescer realmente bem uma orquídea sabidamente difícil de manter em cultivo na região onde o cultivador mora.

CCE - Certificate of Cultural Excellence (Equivalente também ao CCM, Certificate of Cultural Merit)

Esta premiação é dada a um cultivador em reconhecimento ao resultado em cultivar qualquer orquídea a tal maneira de perfeição que chegue a produzir uma planta limpa e sem marcas com um número máximo de hastes florais com flores limpas e sem marcas. Para ser dada esta premiação a condição e aparência da planta em si são de importância primordial. Esta premiação, assim como as

duas anteriores, recebe pontuação e desta forma usa-se cartela de pontos. Nes-  
tes casos, a pontuação acompanha a premiação (p. ex. CCM/AOS, 82 pontos).

Estes são então os prêmios dados a orquídeas suficientemente meritórias  
de reconhecimento. Eles são, entretanto, apenas um guia e não se deve comprar  
toda planta que tem um AM, por exemplo, após seu nome. Em primeiro lugar, prêmios  
têm sido dados por Sociedades de Orquídeas (RHS) há quase 100 anos e ob-  
viamente uma *Cattleya* branca híbrida premiada em 1927 na maior parte das ve-  
zes não é tão boa como uma premiada em 1987. O fator tempo é especialmente im-  
portante em grupos de plantas que têm sido sujeitos a muitas novas linhas de  
hibridação como por exemplo em *Phalaenopsis* de tipos especiais (os chamados  
"novelty types", com coloridos e desenhos variados), onde as premiações se  
tornam superadas em muito pouco tempo. Em outros casos tais como híbridos pri-  
mários de *Paphiopedilum* um clone premiado há 60 anos atrás pode ainda estar  
entre os melhores até mesmo no futuro. Neste caso, podemos exemplificar com  
*Paphiopedilum Maudiae* 'The Queen' AM/AOS, que é ainda um dos melhores  
*P. Maudiae* albinos que existe, mesmo tendo sido premiado décadas atrás.

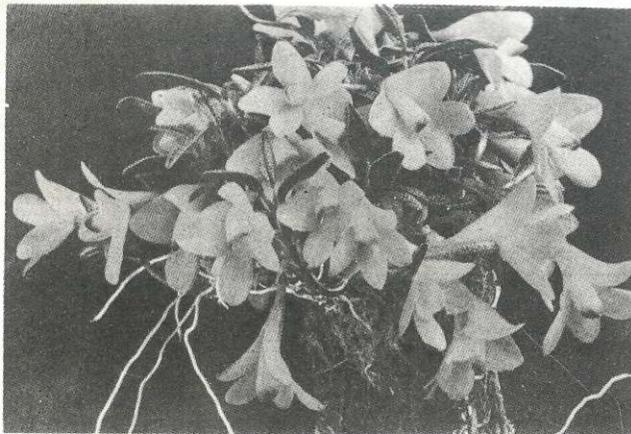
Um ponto interessante é o fato de que nem todas as Sociedades adotam o  
sistema de pontuação. A mais antiga Sociedade de Orquídeas, a RHS de Londres,  
usa um sistema comparativo. Todas as premiações dadas até a data são guarda-  
das em forma de pinturas e/ou slides e quando uma orquídea está para ser jul-  
gada, todas as pinturas e slides de orquídeas similares são comparados. Após  
o estudos dos dados e da orquídea em julgamento, uma votação é feita para de-  
cidir se uma premiação deve ser ou não dada; nesta Sociedade, apenas AM e FCC  
são dados. Isto obviamente dá muito peso ao conhecimento dos juízes, já que  
eles não têm um guia quantificável pelo qual seguir e se não houver cuidado  
pode-se facilmente cair na armadilha da subjetividade.

Eu penso que qualquer nova Sociedade ou Associação que quer iniciar um  
sistema de julgamento provavelmente achará mais fácil adotar o sistema de pon-  
tuação já que existe grande quantidade de material comparativo para uso faci-  
lmente obtível.

No Brasil, presentemente, não há Sociedade (de meu conhecimento) que pre-  
mia plantas. Com a formação da Orquidário começamos uma escola de julgamento  
e espero ser capaz de instituir os necessários critérios que tornarão possí-  
vel estas premiações. Naturalmente, isto não pode ser feito da noite para o  
dia e com paciência e muito trabalho nós também seremos capazes de dar e pu-  
blicar prêmios que serão respeitados e reconhecidos como sinais da qualidade  
das orquídeas produzidas e cultivadas no Brasil.

Cultivo: John Sullivan

Foto: Charles Marden Fitch



*Dendrobium cuthbertsonii* 'Christopher John', AM-CCM/AOS (83, 82 pts.).  
Este exemplo é perfeito para ilustrar uma planta que recebeu dois ti-  
pos de prêmios, um AM de 83 pontos por qualidade da flor, e um CCM  
de 82 pontos por cultivo, ambos pela American Orchid Society.

# Algo de Orquidologia para Orquidófilos

F. C. HOEHNE

**A** presente é uma coletânea de pensamentos do Botânico brasileiro Frederico Carlos Hoehne, externados em palestra para o Círculo Paulista de Orquidófilos, por ocasião do 10º Aniversário de sua fundação, em 8 de setembro de 1951, e publicada no Relatório Anual do Instituto de Botânica de São Paulo referente a este. F. C. Hoehne foi um dos maiores botânicos brasileiros de todos os tempos, e um de nossos maiores orquidólogos e orquidófilos. Seu extenso currículo inclui mais de 400 obras, a maior parte dedicada às orquídeas, e foi, sem dúvida, o primeiro e maior incentivador da orquidofilia nacional. Além disso, muitas palestras e livros escreveu onde transparece uma filosofia altamente profunda de amor pela natureza, de uma das quais aqui transcrevemos trechos, já que a obra onde foi publicada é de pouco conhecimento entre os orquidófilos, principalmente os mais jovens. As linhas a seguir, carregadas com esta filosofia, estão mais atuais do que nunca, nestes dias onde uma filosofia utilitária em nosso dia a dia nos faz esquecer muitos valores e chega mesmo a embotar nos o senso de admiração pela beleza e a vida. (F. E. Miranda)

"O que constitui prazer para uma pessoa nem sempre o é para outra, pois bem diversas são as naturezas dos homens. Alguns apreciam a música, outros a detestam. O grande agrônomo-botânico LUTHERO BURBANK, que tanta harmonia encontrou na biologia que em nosso planeta existe, afirmou que a música lhe causava irritação e o obrigava a abandonar o ambiente onde fosse executada. Embora sabendo que a música é a maneira de fazer vibrar os sentimentos da alma, isto é, a vida espiritual do ser psicozóico, como na avezita e nos próprios corpos do mundo sideral, traduz vida, vibração e disciplina; direito não nos assiste para censurar esse grande benfeitor dos homens, por sentir ele tédio ao ouvir excelente música e tão pouco direito não temos para censurar algum orquidófilo que não aprecie a biologia das *Orchidaceae*, tão cheia de encantos quanto de ensinamentos maravilhosos para indicar-nos o lugar que nós mesmos ocupamos na natureza de que elas são componentes e ornatos".

"O homem facilmente se inclina a apreciar os objetos encarando-os pelo mérito intrínseco, isto é, pelo que valem em moeda corrente para aqueles outros que procedem do mesmo modo. Assim atribui-se valor à planta que ostenta grandes flores com coloridos gritantes e desprezam-se as que dão pequenas flores, por lhes faltar o aparato que aos olhos impressiona. Um é entretanto o mérito de uma planta que ornamenta e outro o daquela que instrui e promove pesquisas que enriquecem o intelecto. O seu valor não pode ser apreciado imediatamente, mas revela-se, quase sempre, numa época mais remota. A observação de algumas plantas de reduzida estatura e de flores pequenas, revela fenômenos que podem tornar-se inspiradores de novas pesquisas e descoberta de leis capazes de revolucionar teorias científicas radicadas tão profundamente que se tornaram irrefutáveis, como outrora o foi a do planeta fixo. Plantas pequeninas da família das *Orchidaceae* demonstram-nos que a função fisiológica das folhas pode ser distribuída às raízes. Outras derrubam a própria asserção de que a clorofila lhes é indispensável e contentam-se com delgadas pálidas hastes para sustentar minúsculas flores, usufruindo matéria orgânica, como se fossem fungos saprofiticos".

"O Criador outorgou ao homem a faculdade de desenvolver os talentos e os elementos intelectuais de que dispõe, em uma ou em mais direções, desde que o faça honestamente e coloque o interesse dos semelhantes acima dos seus. Por isto, uns os ampliam numa só direção e tornam-se unilaterais, outros preferem fazê-lo em duas ou três direções e lucram com isto, por tornarem-se mais tolerantes e mais aptos para ensinar e aprender ao mesmo tempo".

"Aqui estão orquidófilos que cultivam, hibridam e cruzam *Orchidaceae*, que dissecam cápsulas, examinam e desenhavam sementes e estruturas, enquanto outros estudam as espécies e as divulgam, documentando as características por meio de rotografias e desenhos, que exímias mãos executam. Cada um alegra-se com o que consegue encontrar, e divulga-o, mas sente que muito existe ainda para ser estudado e divulgado".

"Os orquidófilos que cultivam e colecionam plantas unicamente para fruírem o prazer da beleza dos seus acetinados pétalos e labelo, assemelham-se portanto aos moços que apreciam as moças exclusivamente pelo vestido que trazem e ma neira como educam o seu corpo. Lembremos, entretanto, que, de fato, esta comparação não está certa, pois que nas flores, os sépalos e pétalos, em realidade, constituem elementos das mesmas até que os objetivos visados pela planta que as produz tenham sido alcançados".

"Ao lado das *Cattleya* e *Laelia*, que muitos orquidófilos acreditam serem as únicas *Orchidaceae* dignas de cultura e estudo, por oferecerem dimensões e coloridos realmente impressionantes para aqueles que as cultivam unicamente para pasto dos seus olhos, existem outras macrantas que bem melhor do que elas podem proporcionar, não apenas encantamento para os olhos, mas também assunto para meditação e estudo. Observadas na sua vida em simbiose com as pequenas aves, os beija-flores, formigas e mamangabas, bem como abelhas solitárias, os representantes dos gêneros: *Stanhopea*, *Catasetum*, *Coryanthes* e outros oferecem elementos didáticos admiráveis aos que desejam sondar os mistérios da natureza".

"O orquidófilo precisa ser observador curioso, precisa crer que a natureza é obra divina, na qual nada de supérfluo e inútil existe e se desenvolve; tudo isto chegará a aprender quando a si mesmo considerar mero espectador, parte integrante do cosmo. A expressão "mero observador" não deverá, todavia, ser tomada ao pé da letra. Isto quer dizer que ele não deverá colocar-se perante a criação como mestre, mas como aprendiz e, depois que tiver descoberto algumas coisas interessantes, que dignas de estudo sejam, cabe-lhe o privilégio de ensinar melhoramentos capazes de satisfazer os seus interesses científicos".

"São *Orchidaceae* não somente *Cattleya* e *Laelia*, mas também *Barbosella*, *Campylocentrum* e *Pygmaeorchis*. Estudadas sob a lente, as suas flores evidenciam belezas que nada ficam a dever às mencionadas macrantas. *Barbosella* estende o seu rizoma sobre o córtex das árvores e justapõe-lhe as suas carnosas pequeninas folhas, confundindo-se com minúsculas *Peperomia* e *Hepaticas*. Para testemunhar, porém, da sua nobre descendência, levanta sobre tenuíssima haste as suas flores e o faz com tanto ardor e interesse em não ser confundida, que lhes dá proporções que geralmente excedem aquelas das folhas. Como se inumeráveis garcinhas erguessem as suas cabeças e tagarelassem com descerrados bicos, celebra ela assim suas festas de núpcias congregando os convivas para o banquete preparado. Estes afluem e dentro de algumas semanas o desejado se evidencia nos numerosos frutos que desenvolvem as sementes que a brisa vai disseminar. Contemplai, por alguns instantes, estas pequeninas epífitas e considerai o que elas alcançaram no seu desenvolvimento biológico e no propósito de preencher eventuais lacunas que a flora dendrológica dos trópicos poderia evidenciar. Examinai também as suas delgadas flores e constatai que elas possuem coloridos e formas no labelo que variam de espécie para espécie. Cultivai-as no tronco e nos ramos de velhas roseiras, macieiras e manacás e tereis todos os anos para usufruir esse prazer de reler a mesma página da natureza".

"As *Orchidaceae*, como outras plantas, certamente não desenvolvem coloridos e emanam perfumes unicamente para a consecução integral dos seus objetivos par-ticulares. Elas devem ser dotadas também de um interesse que visa o embelezamento e a fragrância do ambiente, isto é, o aprimoramento dos diferentes meios em que medram e que, geralmente, estão numa íntima harmonia com o clima, topografia e maior ou menor luminosidade da atmosfera predominante. Isto nos explica a razão por que umas conseguem excepcional resultado na sua produção de frutos após a floração mesmo sem possuírem aroma ou coloridos, enquanto outras com excelentes coloridos e agradabilíssimo perfume poucos frutos asseguram".

"Desçamos mais um degrau dessa apreciação filosófica da natureza e contemplemos, obedientes a tese abordada, os ricos racimos de flores alvo esverdeadas ou amarelo-alvacentas da *Gomesa*. Plantas de porte geralmente vistoso, belos pseudobulbos, bonitas folhas e ricas inflorescências na opinião de um orquidólogo, mas plantas menosprezadas pelos orquidófilos leigos que apenas demonstram o seu senso estético quando apreciam ricas flores de uma grandiflora híbrida de *Cattleya* ou *Laelia*. Coloquemo-las quando desabrocham numa sala fechada bem iluminada pela luz natural e entremos na mesma nas primeiras horas do dia ou, em outros casos, pelas dez ou onze horas e dilatemos as fossas nasais para absorver o ar impregnado do seu aroma embriagante que ainda nenhum perfume sintético conseguiu igualar e confessemos honestamente que elas, pelo seu doce aroma, valem para o nosso alfato, pelo menos aquilo que as lindas *Cattleyas* e *Laelias* valem para o nosso órgão visual.

Mas, se acompanharmos o desenvolvimento dessas floribundas inflorescências que tanto conseguiram produzir para satisfazer o nosso olfato, constataremos, com surpresa, que o seu sucesso na produção de frutos muito deixa a desejar, por serem raros os insetos que as procuram e, em consequência, raras as mássulas polínicas que chegam aos amplos estigmas expostos na extremidade anterior das colunas.

Nos pântanos encontramos, entretanto, esguias plantas de *Cyclopogon*, *Pelexia*, *Habenaria* e outras *Orchidaceae* terrestres semihidrófilas, que, produzindo pequenas e pouco impressionantes flores verde-pálidas, sem cheiro, após a floração apresentam numerosas cápsulas que resultaram dos processos que empregam para a atração dos insetos para transportarem as suas mássulas granuladas de políneas de uma até outra planta. Essas flores, não impressionando o nosso olfato nem os nossos olhos, devem desenvolver atrativos que poderosamente atuam sobre os sentidos dos insetos que nelas atuam como agentes polinizantes".

"Direis que são mistérios da natureza, mas nós diremos que são caprichos que essa mestra sublime evidencia para o bipede humano demonstrar que ela não pauta os seus interesses para a consecução do seu ideal pelo modo como este o faz. Ela procura satisfazer a todos no todo e proporciona ao homem centenaes de temas para ele estudar, sondar e apreciar as suas leis dentro dos limites que lhe foram outorgados.

O orquidófilo tem, portanto, assuntos muitos para estudar e recrear o seu intelecto. Cada planta que encontra é uma nova página que a natureza lhe oferece para isso. Apoderando-se de muitos conhecimentos biológicos chegará a compreender que muitas *Orchidaceae* para desenvolverem todas as suas propriedades precisam ser conservadas no ambiente que a natureza lhes indicou e ao qual se afizeram no transcurso de séculos e então o amigo das *Orchidaceae* preferirá formar bosques, jardins de pedras e passará a cultivar as mais delicadas plantas em estufas apropriadas em sociedade com outras plantas para proporcionar-lhes aquilo que está pela natureza prescrito para a sua garantia e preservação. O orquidófilo tornar-se-á desde então um defensor e protetor das matas e dos campos naturais porque saberá que eles são os melhores laboratórios em que a biologia das *Orchidaceae* pode e deve ser estudada".

# Taxonomia Vegetal .

## Considerações para Orquí- dófilos

MARIA CRISTINA MIRANDA<sup>1</sup>

De uma maneira geral, os orquídeófilos já estão bastante familiarizados com os nomes científicos de uma boa parte dos representantes da família *Orchidaceae*. Reconhecem bem suas características mais marcantes e são capazes de agrupá-las segundo suas afinidades. Entretanto, poucos sabem que existe uma ciência, a "mola mestra" de toda a Botânica, que trata exatamente disto: identificar, nomear e classificar as plantas, segundo princípios, procedimentos e regras básicas - a Taxonomia Vegetal. Esta é, por excelência, uma ciência de organização e de elaboração de síntese das informações provenientes das demais ciências além da Morfologia, como a Anatomia, Fisiologia, Fittoquímica etc. Como exemplo disto, podemos citar o trabalho de Pabst, Moutinho & Ventura Pinto - Restabelecimento do gênero *Anacheilium* Hoffm. e revisão do gênero *Hormidium* Lindl. ex Heynh., publicado nos Anais do 19º Encontro Nacional de Orquídeófilos e Orquídeólogos, em 1980, e no qual é proposta uma mudança taxonômica em função de certos caracteres químicos encontrados nas flores e frutos do gênero *Anacheilium* Hoffm.

Assim, voltando às bases da Taxonomia, temos como primeiro passo a Identificação. Identificar uma planta significa reconhecer um determinado espécime como sendo semelhante a outro já conhecido. Isto pode ser feito através de bibliografias específicas, como Floras, Monografias, Revisões, etc. e por comparação com indivíduos vivos ou herborizados.

A etapa seguinte é a Nomenclatura e esta é regida pelo Código Internacional de Nomenclatura Botânica, o qual contém todos os princípios, regras e recomendações, aprovados em Congressos Internacionais, indispensáveis para o procedimento correto quando da aplicação de um nome a uma planta determinada ou a uma nova espécie. A espécie é uma categoria taxonômica, um *taxon*, assim como gênero; família, ordem, etc., e seu nome é uma combinação binária constituída do nome do gênero sempre seguido pelo epíteto específico. Por exemplo, *Laelia purpurata* Lindl. O nome *Laelia* é um nome genérico, diz respeito a um gênero apenas, aquele da família *Orchidaceae*, mas que no qual são reunidas várias espécies. Entretanto, o nome *purpurata*, como epíteto específico, pode ser aplicado a qualquer outra espécie de qualquer outra família. Assim, torna-se indispensável o uso da combinação binária para se nomear uma espécie. No sentido de se facilitar uma redação, o nome genérico, em textos, pode ser abreviado, se já foi citado pelo menos uma vez por extenso. Por exemplo, *L. purpurata* Lindl.

Um outro ponto, que muitas vezes não é compreendido ou é mal interpretado, é o nome do autor que segue o epíteto específico e o nome genérico, observado principalmente em obras de cunho científico. No exemplo *Laelia purpurata* Lindl., Lindl. é a abreviação do nome John Lindley, botânico do século passado, o qual descreveu a espécie *Laelia purpurata* pela primeira vez. De acordo com o Código, a descrição de Lindley preenche todos os requisitos necessários e portanto esta é uma espécie válida, que pode ser aceita por todo o mundo. Assim, quando se refere a *L. purpurata*, sabe-se que esta é uma planta que apresenta as mesmas características citadas na descrição de Lindley baseadas num exemplar visto por ele no século passado. Caso contrário, não se pode considerá-la a mesma espécie. Portanto, o nome genérico e o específico ficam "ligados" à sua descrição através do nome do autor que a

<sup>1</sup>Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

realizou. Esta regra foi criada porque, principalmente no passado mas mesmo hoje em dia, não existe um sistema de informação no tempo e com a penetração desejáveis, sobre os trabalhos científicos realizados em todo o mundo. Logo, um botânico, em um outro local, poderia descrever a mesma espécie que Lindley já havia descrito, com nome diferente. Por exemplo, *L. casperiana* Reichb.f. Para evitar então que existam dois nomes para uma mesma espécie, o Código determina que seja válido o nome da primeira a ser publicada, no caso *L. purpurata* Lindl., e a segunda passa a ser considerada sinônimo da primeira.

Este é apenas um dos vários problemas que podem ocorrer com a nomenclatura de uma espécie, entretanto, é suficiente para se perceber como é importante a presença do nome do autor.

Como foi citado acima, uma espécie é identificada através de determinadas características, resultantes da combinação de caracteres chamados diagnósticos, os quais são apenas próprios a ela. Logo, todos os indivíduos que apresentarem estas mesmas características deverão ser agrupados nesta mesma espécie. Espécies com algumas características em comum serão agrupadas no mesmo gênero, gêneros na mesma família, e assim por diante, obedecendo uma sequência hierárquica. A este processo chamamos Classificação e este pode ser definido então como a ordenação de grupos taxonômicos de acordo com um sistema determinado, usando caracteres inerentes a eles, de acordo com suas relações naturais e seguindo uma hierarquia de posições, à medida que estes se tornam mais gerais.

Para se distinguir a categoria da qual se está referindo, os nomes pertencentes àqueles acima do gênero apresentam uma terminação própria. Isto pode ser observado na tabela abaixo.

CATEGORIA	TERMINAÇÃO	EXEMPLO
DIVISÃO	-phyta	Magnoliophyta
SUBDIVISÃO	-phytina	-
CLASSE	-opsida	Liliopsida
SUBCLASSE	-idae	Liliidae
ORDEM	-ales	Orchidales
SUBORDEM	-ineae	-
FAMÍLIA	-aceae	Orchidaceae
SUBFAMÍLIA	-oideae	Epidendroideae
TRIBO	-eae	Epidendreae
SUBTRIBO	-inae	Laeliinae
GÊNERO	-	Laelia
SUBGÊNERO	-	-
SECÇÃO	-	Laelia sect. Cattleyodes*
ESPÉCIE	-	Laelia purpurata
SUBESPÉCIE	-	**
VARIETADE	-	-

\* O nome de uma subdivisão do gênero é uma combinação do nome genérico e o epíteto subdivisivo ligados pelo termo, abreviado, que denota a categoria do último.

\*\* O nome de um taxon infraespecífico é uma combinação do nome de uma espécie e um epíteto infraespecífico, conectado pelo termo abreviado que denota a categoria do último.

Este artigo é apenas um breve resumo de alguns pontos importantes dentro da Taxonomia Vegetal mas espera-se que este possa contribuir de alguma forma na elucidação de quaisquer dúvidas existentes neste tema.

# Laelias Brasileiras - Noções, espécies e cultivo - 2

FRANCISCO MIRANDA<sup>1</sup>

**D**ando início ao tratamento das espécies de *Laelia* dividindo o gênero em grupos afins, nada mais natural do que começar com o grupo formado pela secção Cattleyodes, que, como mencionado no primeiro número da série, inclui as espécies afins de *Laelia purpurata*. Este grupo é muito uniforme vegetativamente, a ponto de ser difícil a distinção, mesmo por cultivadores experientes, entre muitas das espécies, se vistas sem flores. Florida, entretanto, cada espécie apresenta características que a torna de fácil reconhecimento. Isso será visto posteriormente.

Na natureza, as espécies são mais comumente dendrícolas (ao pé da letra, vivendo sobre madeira, e que fica melhor dizendo sobre árvores), porém algumas espécies podem ser também saxícolas (vivendo em pequena camada de solo sobre rochas) ou mesmo rupícolas (vivendo diretamente sobre rocha). Uma espécie pelo menos, a saber, *Laelia lobata*, parece preferir estas últimas condições. Na maior parte das vezes, podemos encontrar plantas deste grupo habitando locais expostos a muita insolação e também boa circulação de ar, como por exemplo em galhos das árvores mais altas das matas ou em pedreiras expostas. Três espécies, pelo menos, são também encontradas no interior de matas de grande porte e mais sombrias, *Laelia tenebrosa*, *L. xanthina* e *L. virens*. Para melhor ter sucesso com estas espécies é importante, assim, observar o porte vegetativo das plantas e tentar, por esta observação, imitar as condições naturais. Com isso não se deve imaginar que são espécies difíceis de cultivar, pelo contrário são extremamente resistentes e facilmente adaptáveis a condições médias, que se às vezes não são ideais, permitem que todas as espécies sejam cultivadas juntas com muito sucesso.

Após comentários sobre as espécies, um breve resumo destas condições será útil, ao menos como diretriz. Para uma breve descrição, serão omitidos termos técnicos diferenciais quanto à forma das partes vegetativas e florais, já que basicamente são semelhantes para todas as espécies, e o esquema na parte 1 da série dá uma idéia razoável. Entretanto, algumas características que diferenciam este grupo dos outros dentro do gênero são de teor prático.

Então, uma *Laelia* deste grupo possui um rizoma rasteiro, de onde partem raízes espessas, geralmente em torno de meio centímetro de diâmetro. Os brotos que se originam do rizoma apresentam-se espaçados de alguns centímetros e são eretos. Estes brotos são compostos de uma porção espessada de caule aéreo, formando pseudobulbos ligeiramente achatados, e de forma elíptica alongada (ou quase redondos em algumas espécies, quando as plantas estão a pleno sol). Sobre este pseudobulbo aparece uma folha carnosa, elíptica alongada, com uma dobra longitudinal sobre a nervura central, que divide a folha em duas partes (metades) iguais. Dentro desta folha aparece uma espata achatada cuja função é de proteger as hastes florais (geralmente as hastes aparecem na espata verde, mas em alguns casos mesmo quando esta já se apresenta seca). As hastes florais apresentam variado número de flores, e estas flores possuem três sépalas geralmente iguais, dispostas em triângulo quase sempre perfeito e três pétalas, sendo que as duas superiores em algumas espécies são mais largas do que as sépalas e a terceira, inferior, modifica-se em labelo vistoso. Mais detalhes sobre cada espécie, apenas uma ressalva deve ser feita logo, e é com relação às folhas. A característica do grupo é apresentar apenas uma folha em cada pseudo-

---

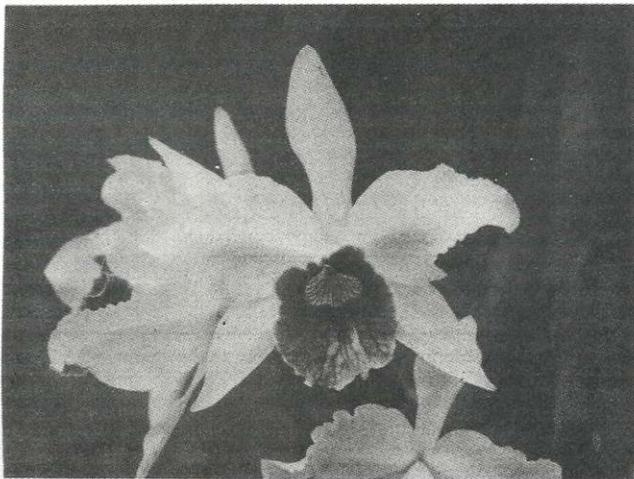
<sup>1</sup>Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

bulbo, mas às vezes algumas pessoas ao iniciar o cultivo dessas plantas ficam intrigadas ao observar que alguns pseudobulbos apresentam duas folhas. Isto não invalida a regra, antes estas anomalias a confirmam. Esta anomalia pode ser característica de um clone particular, e neste caso será frequente na planta, ou pode ser uma resposta a condições de cultivo, aparecendo esporadicamente substituindo a espata ou mesmo com esta.

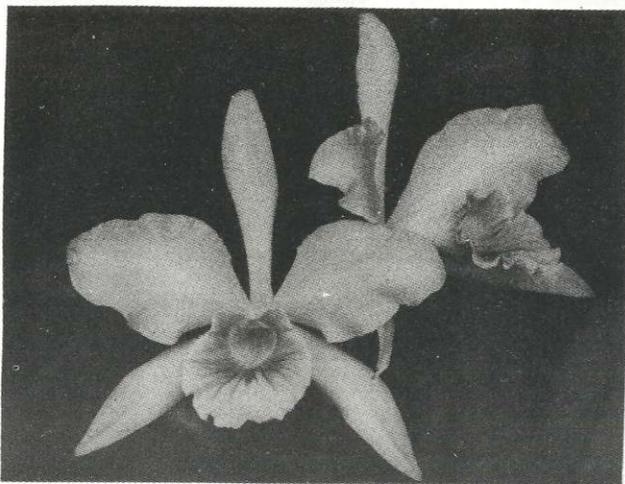
*Laelia purpurata*

É sem dúvida a espécie mais conhecida do grupo, além de ser a flor nacional brasileira. Sua enorme variação de colorido, principalmente no labelo, a tornou a favorita dos cultivadores brasileiros desde os primórdios da orquidofilia nacional até hoje, sendo por todo este tempo considerada como uma das mais belas orquídeas de nosso país. A espécie é nativa do litoral do sul do Brasil, formando duas populações naturais distintas, uma nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e outra em São Paulo. Estas populações são um pouco distintas vegetativamente, pois as plantas de São Paulo ocorrem em matas mais fechadas e desta forma são caracterizadas por brotos mais alongados e menos rígidos, isso em termos médios. As plantas da população mais sulina aparecem frequentemente em árvores isoladas (frequentes figueiras isoladas nas baixadas) e em pedreiras à beira mar, sujeitas assim a muita salinidade, sol e vento. Em termos de colorido básico, pouca variação há entre as populações, apesar de que as formas caracterizadas por variações de colorido quase todas aparecem na população mais sulina.

Os brotos de *L. purpurata* podem atingir, incluindo pseudobulbo e folha, 80 cm de altura e até mais, em plantas originárias de locais mais sombrios, mas em cultivo geralmente ficam em um máximo de 50 cm. As espatas florais chegam a atingir 20 cm de comprimento, o que algumas vezes dificulta o pleno desabrochar das flores, pois a haste não consegue elevar os botões florais a uma altura tão grande. As hastes florais apresentam em média 3 a 5 flores, se bem que já foi observado um caso em que uma única haste apresentou 11 flores simultaneamente abertas. As flores atingem até 20 cm de diâmetro, sendo que as sépalas são estreitas, geralmente com suas bases enroladas, e formam um triângulo perfeito. As pétalas são mais largas, quase sempre fortemente enroladas, e o colorido de todos estes segmentos é branco com matizes rosados, mais ou menos escuro. O labelo é tubular, envolvendo a coluna, frontalmente bem aberto, geralmente com estrias roxas nítidas e apresentando ou não amarelo na fauce, isto é, no interior do tubo, onde o labelo se abre. A época de floração se estende de outubro a janeiro, sendo que as plantas provenientes do Rio Grande do Sul geralmente são as últimas a florir. Quanto às variações de colorido, foram



*Laelia purpurata* 'Dante Vagnotti'

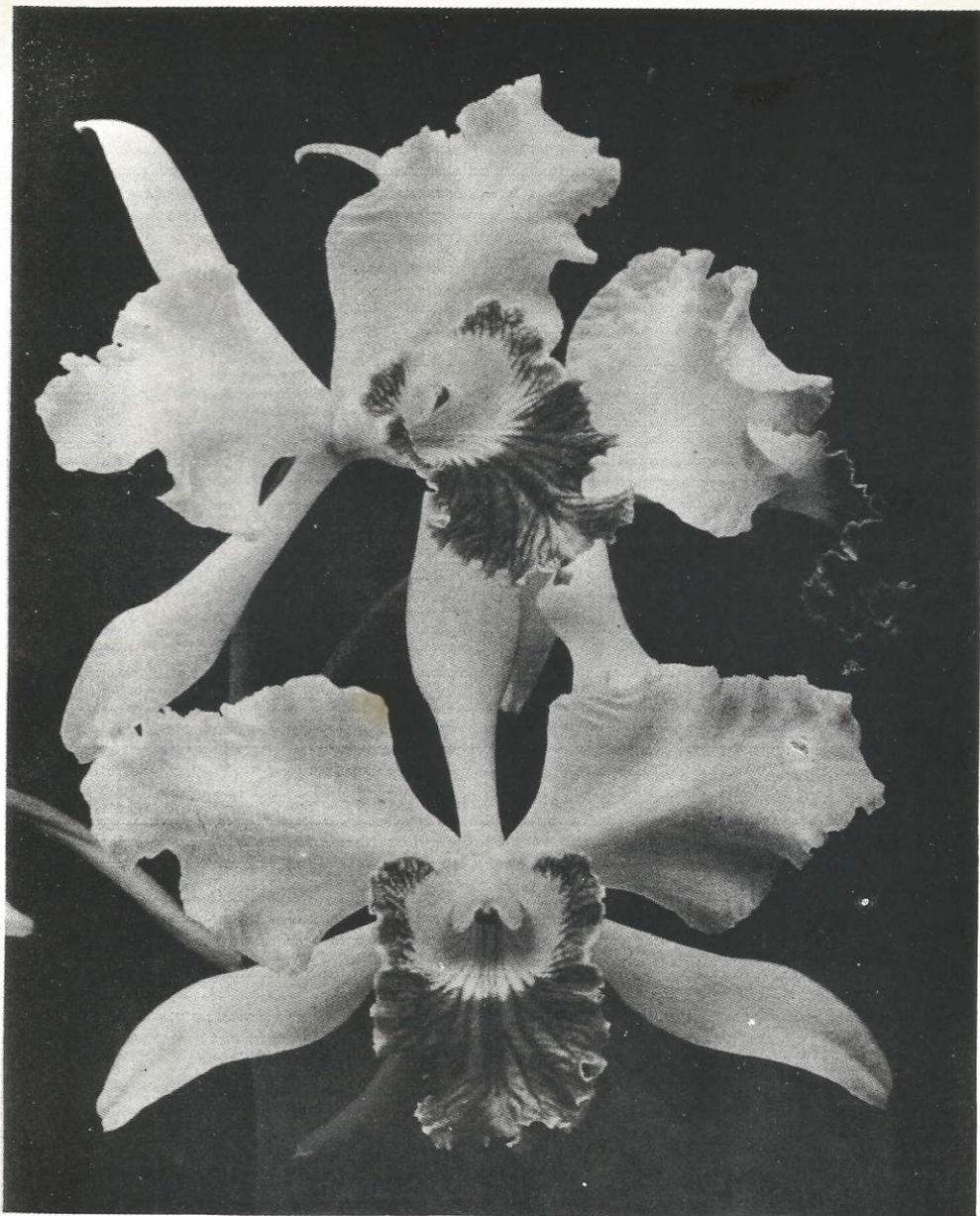


*Laelia purpurata* var. *carnea* 'Maria da Glória'

traduzidas em numerosas variedades que, como é sempre bom lembrar, tratam-se de variedades hortícolas e não botânicas. O "tipo" apresenta sépalas e pétalas róseo-claras com venulações mais escuras e labelo com porção frontal púrpura-escura com venulações mais fortes da mesma cor. Com relação às variedades, o assunto já foi esgotado numerosas vezes, e por mais vasto que seja o assunto, aqui é feito apenas um brevíssimo comentário com fim ilustrativo. Entre as variedades mais conhecidas, pode-se mencionar: *Russeliana*, com sépalas e pétalas brancas ou róseas, o labelo róseo-claro; *Carnea*, com sépalas e pétalas brancas, labelo róseo-salmão; *Vinicolor*, com sépalas e pétalas brancas, labelo cor de vinho tinto; *Werkhauseri*, com segmentos brancos e labelo roxo-azulado; *Mandaiana*, com sépalas e pétalas róseas e labelo róseo, sem estria alguma; *Alba*, com a flor totalmente branca apenas com amarelo claro na fauce do labelo.

#### *Laelia lobata*

Apesar de externamente ornamental, é relativamente pouco difundida em cultivo, possivelmente devido à sua difícil obtenção em grandes quantidades desde há muitos anos, ao contrário da anterior. A sua área de dispersão é muito restrita e os paredões rochosos onde habita, na cidade do Rio de Janeiro, são de acesso quase impossível. No passado, devia ser abundante nas matas ao redor destes paredões, mas a derrubada total destas a tornou restrita aos paredões. Em algumas arvoretas dificilmente alcançáveis, nestes paredões, uma ou outra planta é encontrada ainda hoje para provar este fato. Vegetativamente é muito semelhante às *L. purpurata* que crescem em locais insolados no sul do país, as plantas mais robustas raramente alcançando 40 cm de altura total. As flores aparecem em número de 3-5 na haste, raramente mais. Estas flores são um pouco menores que as da espécie anterior, mas apresentam pétalas mais largas, geralmente encrespadas mas não tão enroladas, dando às flores uma aparência mais "compacta". O labelo abre-se verticalmente de forma um pouco mais triangular ao contrário da espécie anterior, onde é mais redondo. O colorido é menos escuro e aparenta mais brilho, suas estrias são mais numerosas e o tubo nunca apresenta amarelo, sendo sempre branco com muitas estrias. Entre as "variedades", podemos mencionar *Coerulea*, *Rubra*, *Concolor*, *Alba*, e *Semi-alba*, desta última até onde se sabe apenas uma planta foi encontrada. Tanta variação chega mesmo a impressionar, com uma área de dispersão tão pequena. Sua época de floração é novembro.



Cultivo: F. E. Miranda

Foto: F. E. Miranda

*Laelia lobata* var. *semi-alba*

*Laelia crista*

Espécie vegetativamente também pouco diferente das anteriores, sendo típica do estado do Rio de Janeiro, encontrada mesmo na floresta da Tijuca, dentro da cidade do Rio de Janeiro. É encontrada geralmente como dendricola (epífita) ou também como saxícola nos paredões nas regiões serranas do estado. As

hastes florais chegam a apresentar mais de 10 flores, mas as plantas de flores maiores geralmente apresentam 4-6. Como o nome bem propriamente diz, seus segmentos florais são extremamente crespos e enrolados, principalmente as pétalas e labelo. O colorido da flor vai de um branco puro, quase transparente às vezes, até um róseo muito claro, passando por formas com apenas sombras róseas em fundo branco. O labelo, que quase nunca se abre totalmente é roxo-escuro sólido e seu tubo é amarelo, às vezes até alaranjado, estriado de roxo. Suas "variedades" incluem *Delicata*, *Carnea*, *Vinicolor*, *Alba*, e é claro, muitas *Semi-alba*. Sua época de floração vai de fevereiro a abril.

#### *Laelia tenebrosa*

Espécie atualmente já bem rara, devido à destruição de seu habitat natural. É nativa do sul do estado do Espírito Santo, em matas que variam em altitude de 200-600 msm. Vegetativamente se assemelha às anteriores, mas suas folhas são geralmente um pouco mais estreitas e a planta toda apresenta geralmente matizes amarronzados e arroxeados. As flores aparecem em número de 3-5 na haste floral e são muito grandes, atingindo com certa frequência 18 cm ou mais. Seus segmentos são relativamente estreitos e variam em colorido de acobreado a marron-escuro, apesar de que formas amareladas são conhecidas. O labelo é bem aberto, branco com um anel roxo-vermelho na fauce, sendo que este colorido pode se estender à toda porção frontal. Em termos de "variedades", podemos mencionar: *Aurea*, que corresponde às citadas formas amarelas; *Alba*, verde-amarelada com labelo branco e, até onde se sabe, uma planta *Semi-alba*, *L. tenebrosa* 'Walton Grange', FCC-RHS, mandada à Europa há muito tempo atrás, e que apresenta colorido amarelo-esverdeado com labelo branco e vermelho. Sua floração ocorre em dezembro.

#### *Laelia grandis*

Espécie nativa do norte do Espírito Santo e sul da Bahia, tendo sido muitas vezes considerada como mera variedade da anterior. Suas flores são, entretanto, bem menores e de colorido diferente, além dos segmentos serem bem encrespados. Em seu habitat, ocorre como dendrícola, desde a mata atlântica até matas secas de grande porte, mais para o interior. Vegetativamente, pouco difere das anteriores, sendo porém um pouco menos robusta. As flores aparecem em média 3-5 por haste floral, geralmente com diâmetro de 10-12 cm. Os segmentos são muito torcidos, chegando quase a serem semelhantes aos de uma *L. crispa*, e seu colorido é de um creme-amarelado a rosado, mais ou menos escuro. O labelo é branco com venulações em forma de estrias róseas a vinosas. Muito pouca variação se conhece na espécie, e esta variação está restrita à tonalidade e intensidade dos coloridos. A época de floração é fevereiro-março.

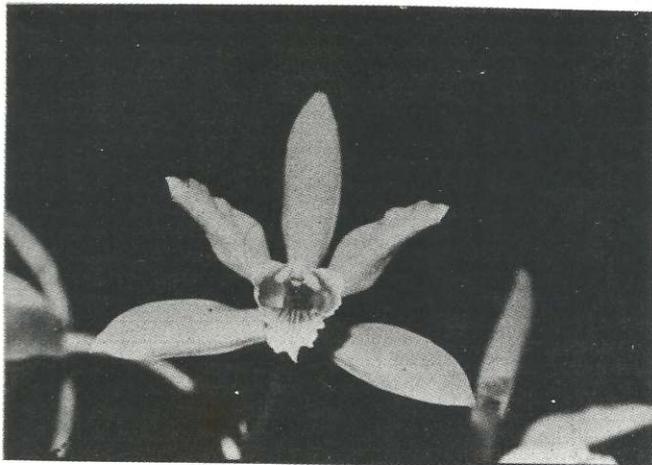
#### *Laelia perrinii*

Espécie ocorrente nas matas e pedreiras das regiões mais altas dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Vegetativamente, é bem menos robusta que as anteriores e caracteriza-se bem pelo forte colorido arroxeados nos pseudobulbos e folhas. As flores, apesar de relativamente grandes, atingindo 13-15 cm, são de pouca duração e aparecem 2-3 em cada haste. Estas flores são bem diferentes das mencionadas nas espécies anteriores. As pétalas são planas, estreitas se alargando para a extremidade, horizontais ou mesmo um pouco caídas. O labelo é desproporcionalmente pequeno e de frente abre-se em forma ovalada, terminando em bico. A coluna, totalmente envolvida pelo labelo, é também desproporcionalmente pequena. O colorido dos segmentos é geralmente róseo-sólido uniforme, sendo o labelo frontalmente mais escuro, sem estrias, e seu tubo branco. Entre as "variedades", podemos mencionar *Alba*, *Semi-alba*, *Coerulea* e *Concolor*. Sua floração ocorre em março.

#### *Laelia xanthina*

A espécie é nativa do estado do Espírito Santo, ocorrendo geralmente em matas sombrias, em altitudes em torno de 500-700 msm. É espécie bem robusta vegetativamente, e desta forma de difícil identificação sem flores. As flores apa-

recem no verão, e se caracterizam bem por apresentarem sépalas e pétalas bem semelhantes e de colorido em tons de amarelo, desde o amarelo vivo até esverdeado. O labelo é quase que restrito a um pequeno tubo amarelo com algumas poucas estrias longitudinais roxas. Estas flores estão entre as menores do grupo, tendo em média 6-7 cm de diâmetro total e aparecem em número de até 10 por haste floral. Da mesma forma que outras espécies do grupo a destruição de seu habitat parece ser o perigo mais imediato para sua sobrevivência, já que não é das espécies mais cobiçadas e desta forma não sofre muita pressão de coleta, nem a sofreu no passado.



*Laelia xanthina*

*Laelia virens*

Uma das espécies muito pouco conhecidas do grupo, sendo nativa dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, mas sempre rara por sua área de dispersão. Ocorre quase sempre em matas sombrias, e na maior parte das vezes atinge pequenas dimensões, sendo que o normal é que plantas adultas atinjam uma média de 15 cm de altura total. Entretanto, de algumas áreas provêm plantas que vegetativamente podem se comparar a uma *L. crispa*, atingindo até 50 cm de altura. A despeito destas variações de porte, as flores são sempre muito semelhantes, esverdeadas e que muitas vezes frutificam sem abrir totalmente, o que é assunto interessante para discussões em outra ocasião. As inflorescências são sempre baixas, raramente atingindo mais do que 10 cm de altura, apresentando até em torno de 10 flores nas plantas grandes, sendo 3-4 a regra nas de porte baixo. Estas flores, como dito, são verdes, atingindo um máximo de 4 cm de diâmetro, muito raramente mais. Muito pouca informação existe com relação à espécie, tornando-se difícil precisar dados como época de floração.

*Laelia fidelensis*

Esta espécie está aqui incluída por falta de local melhor, mas obviamente um tratamento mais aprofundado acabará por tirá-la do grupo pelo bem da uniformidade deste, já que foi incluída na seção *Cattleyodes* quase que só por possuir espata bem desenvolvida, o que de fato é uma das características do grupo. De resto, porém, muito pouco tem em comum com as outras espécies aqui tratadas, a começar pelo porte vegetativo. Olhando para uma planta desta espécie sem as flores, imediatamente vem à cabeça uma comparação com *L. anceps*, espécie mexicana de seção bem distinta, com seus pseudobulbos mais angulosos, arredondado-tetrágonos e folha mais plana, menos acanoadada. Em flor, alguma seme-

lança ainda ocorre com esta espécie devido às altas inflorescências com as flores mais agrupadas em sua porção terminal. As flores de *L. fidelensis*, entretanto, são bem menos ponteadas, apresentando colorido róseo-claro uniforme nos segmentos e labelo, sendo que este último apresenta tubo branco a creme-amarelado. As pétalas são um pouco mais largas do que as sépalas, e o labelo se abre de forma circular. A flor toda tem um diâmetro de até uns 10 cm. Pouca informação se tem da espécie, mesmo seu habitat é desconhecido exceto por muito poucos que mantêm sobre o assunto segredo máximo. Apenas pode ser dito que ocorre no estado do Rio de Janeiro. Desta forma, aqui também é impossível precisar época de floração.

#### Cultivo

A par destas breves informações a respeito das espécies, um resumo de seus requerimentos em cultivo é útil para provar sua rusticidade.

Em termos de luminosidade, as espécies nos seus habitats estão sujeitas desde um sombreamento quase total até insolação idem, e plantas que vivem em cada uma destas condições particulares podem ser facilmente distintas por seu porte vegetativo, desde as plantas alongadas, pouco rígidas e verde-escuras das matas sombrias até as baixas, rígidas e quase amarelas de locais insolados. É claro que o ideal é dar a cada planta individual a condição exata em que ela sempre viveu, quer na mata, que na estufa ou ripado onde nasceu, mas nem sempre isso é possível. Então, um valor médio para a luminosidade deve ser tentado. Ora, não se deve pensar na luz como fator isolado, pois a tolerância ou otimização desta depende em grande parte de pelo menos dois outros fatores, a saber, temperatura e circulação de ar. A temperatura, em combinação com a luz causa o seguinte efeito: quanto maior a luz, maior a temperatura na superfície da folha, e mais, quanto maior a temperatura, menor a intensidade ótima de luz para as plantas realizarem fotossíntese, e em suma, crescer. O que se tira diretamente disto? Tira-se que em climas mais frios pode-se dar mais luz às plantas sem risco de que sua respiração ultrapasse sua produção de matéria pela fotossíntese. Pode parecer um pouco complicado, mas não é, pois tudo se resume ao fato de que quem cultiva orquídeas ou qualquer outra planta quer que ela produza mais do que consuma, resumindo sem entrar em detalhes, que ela cresça. Isto é uma explicação para o fato de que plantas provenientes de climas frios muitas vezes definham até a morte em climas quentes. Mas, estes dois fatores não trabalham isolados, existe um fator importantíssimo, e que pode ser explorado com ótimos efeitos em cultivo. Pode ser que precisemos dar a uma *L. crispa* ao nível do mar menos luz do que o ideal para manter este equilíbrio positivo de crescimento, se a planta veio de 1000 msm, já que a temperatura ambiente na mesma latitude é bem maior. Aqui entra então este outro fator que é a circulação de ar. Muitas vezes observa-se plantas vivendo a pleno sol e impressiona como não queimam, pois se tentamos imitar esta condição em cultivo os resultados muitas vezes são desastrosos. Uma observação possível de ser feita nas horas de maior insolação é que sempre existem ventos mais ou menos fortes que causam o esfriamento, principalmente das folhas, nestas horas. Esta é a solução para a nossa *L. crispa* de 1000 msm ser bem cultivada ao nível do mar. No Brasil pouco se usa qualquer técnica de ventilação artificial, talvez pelo velho conceito de que em nosso país tudo dá, é só colocar em um canto. É óbvio que, nas baixadas quentes, ventilação forçada é sempre benéfica, pois quem teve oportunidade de visitar as *Cattleya intermedia* e *C. guttata* no calor de Cabo Frio, no litoral do Rio de Janeiro, sabe como venta lá. O mesmo é verdade para as *L. purpurata* nos costões da ilha de Santa Catarina. Bom, circulação de ar é ótimo, então, mas com isso aparece um problema, que não é sério para as *Laelia* deste grupo, que é o do poder dissecante do vento. O problema não é sério para as plantas deste grupo, pois é apenas necessário regar as plantas com mais frequência, aumento este de frequência que depende diretamente da circulação de ar, como de resto as regas sempre dependem do clima mesmo. Problema só há, mesmo, para as plantas que são muito sensíveis à umidade, o que não é o caso aqui.

Bom, após este breve apanhado, principalmente os iniciantes podem estar achando que tudo ficou meio confuso. É útil, então, tentar colocar a coisa em termos práticos para as *Laelia* deste grupo.

# Orquídeas da Africa - 2

## ANSELLIA

R. AGNES<sup>1</sup>

O gênero *Ansellia* foi primeiro descrito por Lindley em 1844 e é composto de apenas duas espécies, *A. africana* e *A. gigantea*.

As plantas deste gênero são as maiores orquídeas do continente africano possuindo pseudobulbos altos tipo cana atingindo até 1 m de comprimento. No topo dos pseudobulbos aparecem 6-12 folhas formando duas linhas alternas e distintas. As raízes que seguram as plantas às árvores são um tanto espessas, e muitas raízes finas e eretas formam um tufo ao redor da base da planta, à maneira de alguns *Catasetum*.

*Ansellia gigantea* é encontrada ao longo da região costeira leste da África em florestas, sobre árvores isoladas em áreas cobertas por vegetação arbustiva e ao longo de rios. Em toda sua área de distribuição, a espécie está sujeita a uma nítida estação seca, que dura uns poucos meses e é seguida por uma estação de chuvas pesadas. Durante a estação seca, as hastes florais são produzidas e seguindo a floração o novo broto é produzido, se desenvolvendo rapidamente na estação chuvosa.

*Ansellia africana* é uma espécie de floresta equatorial, que cresce sob mais sombra em áreas em que pelo menos alguma chuva cai todo mês. A espécie parece ter um ciclo de crescimento contínuo. Deve ser lembrado que em cultivo esta espécie requer um pouco mais de sombra que a precedente de modo a crescer e florir adequadamente.

Ambas as espécies florescem nos meses mais frios, entre junho e novembro, mais frequentemente durante setembro e outubro. Existe muito pouca diferença entre as flores das duas espécies e por causa disso sua identificação é algumas vezes confusa. A inflorescência é produzida no ápice dos pseudobulbos e é frequentemente ramificada carregando algo entre 15 e 100 flores, dependendo do vigor da planta. As flores variam entre 3 e 5 cm de diâmetro com as sépalas e pétalas aproximadamente do mesmo tamanho. As sépalas são ligeiramente mais longas, estreitas e pontudas do que as pétalas. O labelo é tri-lobado e os lobos basais (laterais) estriados se dispõem eretos ao lado da coluna ao passo que o lobo mediano (frontal) é amarelo-vivo e possui duas quilhas paralelas ao longo de sua superfície superior.

As flores de *A. africana* são as maiores do gênero e são na média mais escuras. As pétalas são um tanto mais largas que as sépalas e os segmentos são verde-claros com máculas marrom-escuras. As máculas variam mas são geralmente numerosas a ponto de às vezes cobrirem quase inteiramente a flor, e.g. *A. africana* 'Wilferd Duckitt' é quase preta.

*A. gigantea* produz flores um pouco menores e com apenas poucas máculas. Nesta espécie as pétalas são mais estreitas e tendem a ser parecidas com as sépalas. As marcas são variadas e vão desde quase sem máculas (a flor sendo de um verde pálido) até sendo totalmente cobertas por pequenas máculas. *A. gigantea* var. *nilotica* é uma variedade de maiores flores que é um tanto variada em coloração, geralmente com máculas mais escuras. Esta variedade produz ainda menor quantidade de flores por haste.

*Ansellia* é muito popular como planta de coleção pois é muito fácil de cultivar e floresce com a mesma facilidade, frequentemente produzindo várias hastes florais com flores muito odoríferas. Se algum cultivador tiver a oportunidade de cultivar a espécie, basta dizer que se colocada junto a *Cattleya* e afins a planta estará sob ótimas condições, crescendo e florescendo com faci-

<sup>1</sup>Travessa Pepe, 98/201, Botafogo 22290, Rio de Janeiro.

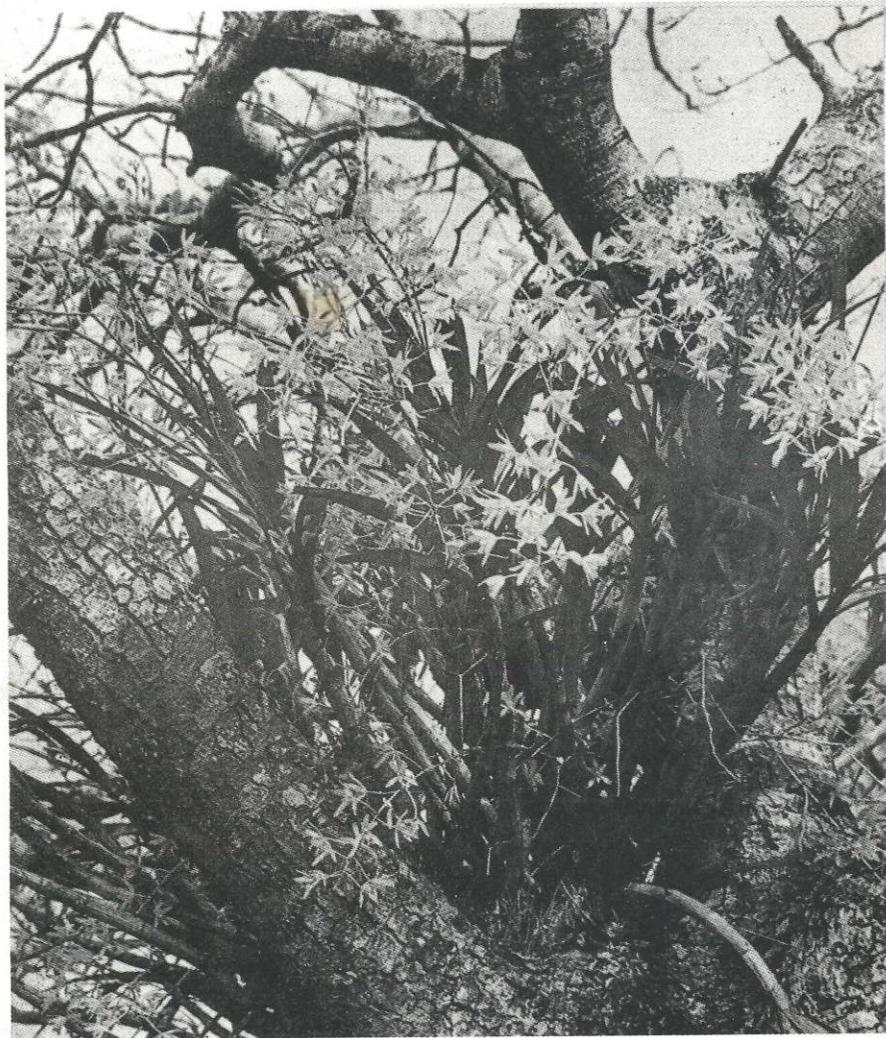
lidade. É sempre bom lembrar que as duas espécies são epífitas e se cultivadas em vasos o substrato deve ser bem arejado para evitar o apodrecimento das raízes.

Um fato interessante é que *Ansellia africana* foi cruzada com *Cyrtopodium andersonii* (espécie brasileira) para produzir *Cyrtellia Orglade's Dreamer* em que um clone, 'Orchidglade', recebeu um JC (Judges Commendation). A descrição é como se segue: "A planta recebeu a comenda por uma valiosa nova direção em hibridação com flores muito agradáveis combinando as boas qualidades de ambos os pais, as flores sendo produzidas em plantas pequenas com bom número de flores e potencial para serem extremamente vistosas".

#### REFERÊNCIAS

- Awards Quarterly (A.O.S.), 17(2). Spring 1986
- Stewart, J. & Hennessy, E.F. Orchids of Africa

Foto: G. Cubitt





### **Cattleya Portia 'gloriosa'**

O interesse despertado por *Cattleya labiata* desde o século passado naturalmente levou a espécie a ser responsável por numerosos dos híbridos que surgiram ainda no século passado. Entre os híbridos primários com *C. labiata* temos *Cattleya portia* 'Gloriosa', AM/AOS (82 pts.), um cruzamento com *Cattleya bowringiana*, esta uma espécie da América Central. Mesmo sendo um híbrido relativamente antigo, a qualidade de muitos clones faz com que seja muito espalhado em coleções. Mas, *C. labiata* ainda não esgotou suas possibilidades em hibridação, muitos híbridos recentes estando sendo feitos com a espécie.